

Alfredo Pimenta Poeta

— Sua «paixão» por Antero de Quental —

Mestre da Portugalidade, uma faceta menos conhecida do seu multifacetado talento é a de Poeta.

Com efeito, juntamente com o investigador histórico, com o crítico erudito e comentador de literatura e filosofia, coabitava o poeta de rara sensibilidade e de vibrátil temperamento.

Claro, não estamos em presença de um poeta original: dum poeta de mensagem para o futuro. O poeta Alfredo Pimenta nada de novo nos transmitiu neste sentido. Mas o Artista requintado, o rebuscador de emoções estranhas, temos que reconhecer ele o era: — o autor da «PAISAGEM DE ORQUÍDEAS».

É, portanto, sob este ângulo que devemos estudá-lo, analisar a sua Poesia, toda ela cheia de musicalidade e beleza formal.

Nem a propósito, devemos exigir do poeta mais do que aquilo que ele realmente é e pode dar. Por outro lado, há que situar o poeta na época em que viveu e conhecer as solicitações que o atraíram e lhe condicionaram a Obra que concebeu e realizou.

De contrário, o nosso julgamento cairá logo no risco de ser tendencioso, unilateral, tal como vem sendo, actualmente, considerado sobre os poetas dos séculos idos. Critério nada objectivo, pois não vamos à época em que eles viveram, não estudamos os ideais que os nortearam, a Escola literária que então andava em voga, em suma, não os integramos no seu tempo.

Vêmo-los, antes, através de nós próprios, da nossa sensibilidade e gostos, dos nossos preconceitos, enfim da concepção que temos de Poesia.

Daí a nossa *visão* estreita, o nosso *subjectivismo* crítico.

Ora, Alfredo Pimenta viveu numa época em que se admitia a teoria poética de que o verso devia ser, essencialmente, musical.

Assim o proclamava Verlaine:

«*De la musique avant toute chose.*»

Igualmente o reconhecia Jean Royère, no seu livro MUSI-CISME. Adepto dessa teoria poética, Alfredo Pimenta dirá em soneto dedicado ao poeta João Saraiva:

«Versos são notas musicais apenas.
O ritmo é tudo e nada o ritmo iguala,
Quer cante a água em frescas cantilenas,
Ou o búzio cante em sua voz que fala...

A voz nos perde, de irreais sirenas,
Só pelo ritmo que tal voz exala...
Versos são notas musicais apenas,
O ritmo é tudo, e nada o ritmo iguala.

Que outros componham versos bem diversos,
Dos que eu componho, e pelos quais captivo
Vivo, e entre belos sonhos imortais...

Mas que os meus versos, os inúteis versos
Que me revelam como sou e vivo,
Que esses sejam apenas musicais!»⁽¹⁾

Estudando a sua Obra poética, nota-se, sem dúvida nenhuma, que toda ela obedece a essa característica. Ele mesmo, noutra lugar, no-lo afirmava: «o ritmo é tudo: é a alma do verso.»

Eis porque apesar de não ser uma poesia de mensagem, original em profundidade e concepção, bem merece todavia a atenção do crítico da História da Literatura Portuguesa. Até mesmo debaixo do ponto de vista linguístico!

Além disso, há que tomar em conta a sinceridade do poeta; e quando se é sincero em tudo quanto se sente e se escreve, a poesia não poderá deixar de ser sincera, de exprimir autenticamente os estados íntimos, as confissões pessoais daquele que se julga ou é visitado pela irmã gémea da Música...

Finalmente, outro aspecto a assinalar também, é o da sua «paixão» por Antero de Quental.

Confessa, a este respeito, Alfredo Pimenta: «A minha paixão por Antero data dos meus afastados tempos de mocidade.» Em se-

(1) In *Últimos ecos dum violino partido* — pág. 105.

guida: «Foi seguramente o meu primeiro poeta amado e foram os seus versos que eu mais religiosamente decorei em toda a minha vida.»⁽²⁾

Numa Conferência, subordinada ao tema «MESTRES DO PENSAMENTO», volta a dizer: «Eu tinha 15 anos quando conheci os «SONETOS» de Antero. Lia-os, relia-os. Eram meu Devocionário e minha Bíblia. Sabia-os todos de cór. Eram nos seus solilóquios de isolado, muita vez, a tradução do meu Pensamento e do Sentimento!» E continua: «Ainda hoje, quantas vezes! dou por mim repetindo versos desses Sonetos, ou até Sonetos inteiros!»⁽³⁾

Não tanto ia a sua «paixão» para os outros livros de versos do Altíssimo Poeta ilhéu. Ouçamos o seu comentário: «AS PRIMAVERAS ROMÂNTICAS são o florescer juvenil do seu coração enternecido, são o depoimento ingénuo das suas primeiras impressões, e a afirmação dos seus primeiros passos.»

E quanto às «ODES MODERNAS», classificava-as de «manifestação poética medíocre — produto artificial e esporádico da psicologia anterior», — pois «denotam a influência de uma época, e a sugestão de uma atmosfera a que não podia ser alheio quem buscava, incerto e hesitante, em todas as direcções, o porto de abrigo, a calma, a estrada segura que o levasse a um fim seguro.»⁽⁴⁾

Ora, como se vê, para Alfredo Pimenta, os *Sonetos* de Antero é que eram, por excelência, o seu grande Livro de Horas, a sua leitura predilecta, elevando-os mesmo à categoria de «o mais belo documento poético que a Raça portuguesa pode apresentar.»⁽⁵⁾ E, de facto, ao longo da sua vida, nunca o polígrafo eminente deixou de o ler e amar, de a eles se referir nos seus estudos,⁽⁶⁾ chegando até a compor este Soneto em louvor do genial Poeta açoriano:

«Houve outrora, na terra portuguesa,
Um poeta espiritual como as estrelas,
Que nos disse palavras de tristeza,
Como ninguém soubera inda dizê-las.

(2) In *O livro das muitas e variadas coisas*, pág. 163-164.

(3) *Ibid.* pág. 25-26.

(4) In *Sombras de Príncipes*, pág. 35.

(5) *Ibid.* pág. 34.

(6) Vid. o «Índice dos principais nomes próprios» dos tres volumes: *Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1930; *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, Imprensa Nacional de Lisboa, 1935; e *Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos*, Livraria Cruz, Braga 1958.

Cantou o Amor e a mórbida Beleza,
 E, sorrindo às crianças por querê-las,
 Abalou desta vida de incerteza,
 Mais humilde talvez que todas elas!

De si próprio liberto finalmente,
 Se morreu — ao entrar na sepultura —
 Para o singelo espírito vulgar,

Ficou vivendo vivo, eternamente,
 P'ra quem sofre a infinita desventura
 De só na alheia dor se consolar! (7)

Influência de tal modo exercida que há um soneto póstumo em que é bem notória a *presença* dos Sonetos anteriores. Veja-se:

A MORTE

Passou por mim em seu cavalo ardente,
 Roçou por mim a sua mão gelada,
 E a galopar, lá se sumiu na estrada
 Como visão que a galopar se ausente...

Mas ainda sinto em mim, o frio algente
 Da sua mão esguia e descarnada,
 Com que no seu correr à desfilada
 Me quis dizer que o seu olhar não mente.

No meio da poeira revolvida,
 A olhar essa visão já diluída
 E sem desejo de tornar a vê-la,

Fiquei com a certeza de que um dia
 De novo hei-de sentir sua mão fria
 Mas dessa vez p'ra me levar com ela!» (8)

(7) in *Alma Ajoelhada*.

(8) in Amândio César, Alfredo Pimentel. Terra e Poesia. Pág. 72

Estas as, embora ligeiras, considerações que nos vieram ao bico da pena e que se traçaram em rendida Homenagem a quem foi, incontestavelmente, uma Figura Grada da Literatura e do Pensamento nacionais.

Abril do Ano da Graça de 1981.

Ilha de Antero, S. Miguel dos Açores.

Ruy Galvão de Carvalho